

Multidão de tietes pára a cidade imperial

Marcelo Theobald

■ Curiosos saem às ruas para tentar ver o presidente

Guarda-chuva debaixo do braço, com medo de reprise do temporal que caiu no início da manhã, a comerciante aposentada Nair Blatt, 65 anos, instalou-se às 8h30 na calçada do Palácio Rio Negro, na Avenida Koeler, Centro. Viu de longe a silhueta do presidente Fernando Henrique Cardoso, que chegou às 10h48, mas nem por isso deixou escapar um só muxoxo de insatisfação. “Estou emocionada. É uma alegria poder receber o presidente”, festejava ao meio-dia em outra calçada, a do Palácio Barão de Mauá, na Praça da Confluência, protegendo-se do sol com a sombrinha.

A aposentada era uma das mais de 200 pessoas que amanheceram na Koeler — umas, com máquinas fotográficas; outras, com caderninhos para autógrafos — na tentativa de ver Fernando

Henrique Cardoso. Apesar de aparentar bom humor e de acenar por trás do vidro do automóvel que o conduziu pela cidade, o presidente só pode ser visto de perto em movimento, sempre escoltado por seguranças do Planalto, batedores da Polícia do Exército e da Polícia Militar. Tentar se aproximar, nem pensar. “Vou lá levar um tiro?”, argumentou a dona de casa Luciola Donato de Souza, 55.

Enquanto os curiosos se acotovavam nas calçadas dos Palácios Rio Negro, Barão de Mauá e da princesa Isabel, onde Fernando Henrique almoçou com empresários e políticos, o Centro foi tumultuado por um dos maiores engarrafamentos da história de Petrópolis. Nem o policiamento do trânsito pela PM conseguiu organizar o caos nas ruas próximas aos palácios. Na Rua Ipiranga, onde dona Ruth refugiu-se logo que chegou à cidade, no palacete da família Nabuco, ônibus e caminhões foram proibido. Catorze



Fernando Henrique deu autógrafos, mesmo cercado por seguranças

linhas — 60 viagens por hora — mudaram de itinerário.

Nem por isso os petropolitanos perderam o bom humor. “Sai do dentista direto para ver o presidente. Essa é uma tradição de Petrópolis”, não escondia o contentamento, em frente ao Rio Negro, o gráfico aposentado Paulo José Pereira, 60. Máquina na mão, Nivalda Moura Lima, 60, tentava sem sucesso focar o presidente nas escadarias no palácio. “Quero ver se mando a foto para o meu pessoal, lá em Sergipe”. A irmã franciscana Adalgisa Ferreira de Carvalho, 67, era outra que não cabia em si só de ver o presidente de longe. “Rezo por ele todos os dias”, contou. “Ele está precisando muito”.

Não faltou quem levasse os filhos para a calçada em frente ao Rio Negro. “Agora, já poderão dizer que viram um presidente”, animava-se o técnico em refrigeração Hernandes Azevedo da Silva, 37, ao lado da mulher, Heloísa, 32, e dos filhos Jessica, 6, e Caio, 4. A professora municipal

Marilza da Glória Marinho, 35, foi outra que levou a prole para a Koeler, seguindo, logo depois, para o Palácio Barão de Mauá, como muitas outras pessoas. “Pena que para fotografar está muito longe”, queixou-se, enquanto uma das filhas mais velhas, Amanda, 12, segurava a caçula, Maria Paula, de apenas 9 meses.

Turistas se misturavam aos petropolitanos na frente dos palácios, sob o forte mormaço. Quando dom Pedro de Orleans e Bragança, neto da Princesa Isabel e patriarca do ramo petropolitano da família real, deixou o Rio Negro a pé, a estudante paulista Sílvia Salgado, 23 anos, correu para apertar a mão do príncipe. “Estava no Rio, subi a serra para ver Fernando Henrique e consegui cumprimentar Dom Pedro”, gabava-se.

Participaram da cobertura: Daniela Matta, Francisco Luiz Noel, Luciana Nunes Leal, Marceu Vieira, Rolland Gianotti, Sônia Joia e Vladimir Netto.